



Nossa epopeia¹

Notre épopée

Rita Olivieri-Godet*
Université Rennes 2
Institut Universitaire de France

¹Resenha crítica publicada no livro FONSECA ALEILTON. A terra em pandemia (poesia). Itabuna/BA: Mondrongo, 2020, p. 90-92.

*Professeur da Universidade Rennes 2. Autora de 4 livros, 33 capítulos de livros e 92 artigos, também dirigiu 10 obras coletivas. É membro correspondente da Academia de Letras da Bahia e, desde outubro de 2013, membro sênior do Institut Universitaire de France IUF.

Com a publicação de *A terra em pandemia* (Editora Mondrongo, 2020), Aleilton Fonseca produziu uma verdadeira obra-prima destinada a se tornar uma referência incontornável no contexto da literatura brasileira contemporânea. Na concepção e execução da eloquente epopeia do nosso tempo presente, de amanheceres « mais noite que a noite », destacam-se a força e a originalidade que levaram o escritor a produzir uma epopeia do universo caótico no qual sobrevivemos em meio a uma paisagem, física e humana, desoladora. Nossa epopeia.

Desde a escolha das epígrafes, extraídas do *Bhagavad Gitã*, das *Metamorfoses* de Ovídio e do poema « *The waste land* » de T. S. Eliot, o autor já sugere os eixos semânticos de um texto que reflete sobre o tempo e seus enigmas, evidenciando o caráter aleatório dos acontecimentos e das tragédias, interrogando a condição humana, tecendo considerações filosóficas, sociais e políticas sobre as relações entre o homem e o mal. Esses sentidos serão trabalhados e expandidos a partir das analogias estabelecidas entre elementos concretos, a pandemia tomada como fundamento referencial, e o próprio ato da escrita. Este último, inserido no contexto das catástrofes pandêmica e político-social, cruza leitura da realidade e releitura da literatura na fundação do processo de criação. Proféticas, as epígrafes vislumbram o cerne do poema.

O título da primeira seção, « O enterro dos mortos », e o verso inaugural « Abril e maio foram os mais cruéis dos meses » anunciam o intenso diálogo com o poema « *The waste land* » (1922), de T. S. Eliot, sinalizando para um dos caminhos fundamentais na organização do discurso poético de Aleilton Fonseca, o da mobilização da memória literária. *A terra em pandemia* recria recursos do arcabouço formal do célebre poema do escritor de língua inglesa, a exemplo das cinco seções temáticas que o constituem, compartilhando imagens alegóricas e míticas que produzem a atmosfera de desespero, amargura e inquietação que, no caso do poema de Eliot, está relacionada com a herança maldita da guerra, sem que, no entanto, o autor renuncie às alusões à própria história da humanidade. A crítica literária costuma referir-se a « *The waste land* » como uma epopeia da modernidade, destacando a dimensão intertextual que revisita de maneira inovadora a tradição literária universal ao recorrer à técnica da fragmentação. Em ambos os textos, a paisagem poética incorpora as ruínas do real, problematizando a representação da terra devastada (Eliot) e da terra em pandemia (Fonseca), pelo viés da apropriação da memória literária.

Em *A terra em pandemia*, Aleilton Fonseca inaugura um amplo espaço

polifônico, explorando vários recursos da intertextualidade (citações, paráfrases, pastiches, alusões). Inclui, igualmente, referências literárias da poética popular do Nordeste e da música popular brasileira e estrangeira, além de fragmentos de discursos sociais. Seguindo a trilha traçada por Eliot, no que diz respeito à reapropriação da memória literária, o autor baiano recusa o culto estéril da tradição, comprometendo-se com um processo de reinvenção e atualização que confere uma dimensão de historicidade à sua condição de poeta. Tecendo o texto na porosidade das fronteiras poéticas e narrativas, o autor se situa no *carrefour* entre a tradição épica e contemporânea, apropriando-se ao mesmo tempo da dimensão lírica e da dimensão da representação introduzida pela narração. Por outro lado, multiplica os papéis assumidos pelo eu poético que se desdobra entre a subjetividade lírica, a condição de escritor e a figura arquetípica do poeta.

Como o título prenuncia, a matéria do poema é a pandemia, a maldição do tempo presente que nos é dado viver. O enunciado situa o ato de enunciação num tempo simultâneo ao do momento em que assume a palavra: « Agora caem as lágrimas das chuvas de outono: E nada nos salvará da travessia do pântano. » Mas como nomear o inominável? Como articular a realidade e o poético, o mundo real e as emoções, o discurso do mundo e o imaginário literário? Este desafio Aleilton Fonseca enfrentou apostando no poder da palavra, embora consciente dos seus limites, refletindo sobre a construção do sentido do texto, optando por imagens poéticas que representam a realidade por vias analógicas e sinuosas: « Para descrever tais ignomínias sem termo, / Eis que necessito de mais engenho e arte ». A consciência metalinguística que se manifesta no poema aposta na (re)leitura da tradição, implicando o leitor nesse processo de ressignificação do real e de reapropriação das inúmeras alusões e citações literárias que o talento individual do poeta vai modelando. Contrastando com a contenção elíptica do texto de Eliot, o poema longo de Aleilton Fonseca acolhe a palavra exuberante do poeta que, em tom grave e solene e versos livres de ritmos largos, declina imagens espaço-temporais complexas de uma realidade dramática que ainda está em curso. Embora tome o Brasil como centro, abrange e justapõe espaços diversos, buscando construir um panorama da pandemia no mundo, encarnação concreta da tragicidade babélica da história contemporânea.

Estruturado em cinco seções, a primeira delas - « O enterro dos mortos » -

instaura o espetáculo apocalíptico e o confronto com a morte. O contexto da pandemia expõe ainda mais o caráter brutal e desumano da realidade social, política e econômica, impondo transformações radicais nas relações com a vida e com a morte. Ao mesmo tempo, o poema trabalha a conjunção de elementos simbólicos (« O monstro invisível gestava-se, micro e máximo ») para conferir à pandemia a dimensão alegórica do mal, incitando o leitor a se posicionar : « Lê-me ! Perdoa-me ! Escreve o teu próprio testamento ! ».

A segunda seção, « Um jogo de cartas », conjuga a figura da vidente, o jogo de cartas e alude ao título da segunda seção do poema de Eliot, « Uma partida de xadrez ». O texto produz imagens que interrogam o destino da humanidade diante do caos, as reações face ao acaso inesperado, explorando a metáfora da vida como um jogo que constrói e desfaz sonhos e projetos. Acentua o caráter fortuito e arbitrário das mutações tanto no plano metafísico (« O jogo tem uma lógica perversa, cifrada em códigos secretos ») quanto na temporalidade histórica, através de metáforas que induzem a uma leitura política do atual contexto brasileiro : « Primeira carta, o Louco. Imprudência. Precipitação. Trevas./ Não pondera seus atos. Não avalia os fatos. Caos e ruína. »

A terceira seção, cujo título é homônimo ao do poema, é a mais longa de todas, dedicando-se a escrever a crônica da pandemia, reconstituindo sua origem e seu percurso de disseminação por vários países, até atingir o Brasil : « Eis a Terra Brasilis, - já tão invadida ! - tal pasto de pantomimas. » O processo formal da enumeração de países e « cidades irreais » vai se expandindo e amplificando, imitando o próprio movimento de alastramento do vírus. Por outro lado, as múltiplas referências a países diversos favorecem a intensificação do diálogo intertextual com vários autores da tradição literária (Cervantes, Pessoa, Lewis Carroll, Borges, entre outros). À realidade concreta da pandemia e à violência inexplicável e incontrolável que lhe é inerente, tendo por consequência a banalização da morte, somam-se as catástrofes naturais e as calamidades de ordem moral. O poema perscruta o contexto histórico, fazendo-o entrar em ressonância com a pandemia, escancarando o cinismo e a indiferença dos poderes públicos, o racismo, a ganância econômica, a violência do estado, a persistência de uma política colonialista, em versos pungentes que exprimem dor e revolta : « Brasil, vale da morte: de vírus, de faca, de tiro. Matar, matar./ A má arte de assassinar mulheres, índios, negros, quilombolas./ Desde sempre, a epidemia que vem de tempos, em longa lista./ Vírus e balas! Até onde a justiça é cega? Parem de nos matar! ». A representação da

pandemia, tomada como « correlato objetivo », desvela a onipotência sanguinária do poder instituído. Cenários de destruição e ruínas que engendram um espetáculo apocalíptico semelhante à Cartago do poema de Eliot, « Ardendo ardendo, ardendo, ardendo ».

« O desfile das infâmias », quarta seção do poema, evoca a desordem social, a degradação moral do regime político, expondo o corpo insano e tirânico da nação brasileira. A pandemia não é a única catástrofe coletiva. A leitura política delinea outros agentes do mal responsáveis pela atmosfera opressiva e violenta, simbolizados no desdobramento das figuras míticas demoníacas para evocar « O passageiro das trevas, homiziado no Palácio da insânia. » O posicionamento ético da voz poética manifesta-se com uma força devastadora, acentuando seu distanciamento da matéria desprezível e vil ao valer-se de uma expressão elevada para enformá-la. A tensão entre a matéria e sua expressão recorre ao uso da metáfora patológica para exprimir os traços sórdidos do contexto político e social, optando por sugerir significações em vez de nomeá-las diretamente : « O enigma, a chave, o nome, o pacto, o inominável:/ Tal e qual o senhor da cisão e do antagonismo. » Prioriza a configuração simbólica do social, intensificando a emotividade lírica pela interposição de citações de clássicos das literaturas universal e brasileira : Gregório de Matos, Camões, Dante, Castro Alves, Drummond, o poema de Affonso Romano de Sant'Anna, « Que país é este ? », pergunta que ressoa em todo o corpo do texto. O autor busca transcender a realidade decaída pela adesão às vozes com as quais se identifica, celebrando a linguagem literária.

A travessia literária da experiência dos flagelos pandêmico e histórico produz um efeito catártico evidenciado no « Canto final » que encerra a inaudita epopeia de Aleilton Fonseca. Ancorado no presente caótico e violento, nem por isso o poema fecha as portas para o futuro. Na última seção, as imagens apocalípticas cedem lugar a profecias que vislumbram possibilidades de « um novo porvir », de um tempo regenerado ao qual remetem os arquétipos atemporais da natureza referidos no texto, sem anular, contudo, a percepção dramática da existência. O escritor (pessoa, eu lírico, arquétipo do poeta) se perde e se salva pela palavra : « Com fragmentos tais foi que escorei minhas ruínas ».